

CANTARES DE LAMENTO E SAUDADE: A LÍRICA NEOTROVADORESCA NA POESIA DE HILDA HILST

CANTARES OF MOURNING AND OF MISSING: THE NEOTROUBADOURESQUE LYRISM AT HILDA HILST'S POETRY

Letícia Simões Velloso Schulerⁱ

RESUMO: Com o advento da psicanálise, no fim do século XIX, a melancolia ganha novos ornamentos em relação aos estudos realizados ao longo da história, inscrevendo-se no catálogo de estruturas clínicas, e sendo caracterizada como uma psicose maníaco-depressiva. Sigmund Freud, o fundador desse campo de saber, foi um dos estudiosos que promoveu escritos mais relevantes nessa área. A partir disso, o presente trabalho, numa conexão entre literatura e psicanálise, pretende examinar, no poema “VIII”, que compõe a coletânea *Cantares de perda e predileção*, publicado em 1983, da escritora brasileira Hilda Hilst, o discurso e as imagens que possibilitam a sustentação de uma estética da melancolia, marcada pela fragmentação do eu-lírico. O texto selecionado compõe um movimento literário que tem como principal característica a referência e o resgate de tradições historicamente consolidadas, o trovadorismo, que nas últimas décadas foi retomado pelo neotrovadorismo. Baseando-nos em sua estética, percebemos que o poema nos remete à certa melancolia presente nas cantigas de amigo, um dos gêneros mais significativos que compunha essa tradição durante a primeira fase da literatura portuguesa.

Palavras-chave: Hilda Hilst. Literatura. Neotrovadorismo. Psicanálise.

ABSTRACT: With the advent of psychoanalysis, at the end of the nineteenth century, melancholia gained new adornments in relation to studies carried out throughout history, registering itself to the catalog of clinical structures, and being characterized as a manic-depressive psychosis. Sigmund Freud, the founder of this field of knowledge, was one of the scholars who promoted more relevant writings in this area. From this, the present work, in a connection between literature and psychoanalysis, intends to examine, in the poem “VIII”, that composes the collection *Cantares de perda e predileção* [*Cantares of loss and predilection*], published in 1983, by the Brazilian writer Hilda Hilst, the discourse and images that make possible the support of an aesthetic of melancholy, marked by the fragmentation of the lyrical self. The selected text composes a literary movement that has as main characteristic the reference and the rescue of traditions historically consolidated, the troubadourism, that in the last decades was taken up again by neo troubadourism. Based on its aesthetics, we see that the poem refers to a certain melancholy present in cantigas de amigo [songs of fondness], one of the most significant genres that formed this tradition during the first phase of Portuguese literature.

Keywords: Hilda Hilst. Literature. Neotroubadourism. Psychoanalysis.

Submetido em: 29 jul. 2018

Aprovado em: 10 ago. 2018

ⁱ Graduanda em Letras, Português, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista em Projeto de Pesquisa do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC-UFPB, CNPq).
E-mail: leticiaschuler6@gmail.com

INTRODUÇÃO

Derivado do latim *melancholia*, cujo significado se refere à “bílis negra”, o termo tem sua origem a partir da teoria dos quatro humores, daquele que é considerado o pai da medicina, Hipócrates de Cós (460-377 a.C.). Com o passar dos séculos, as indagações acerca desse fenômeno permearam os meios científicos, sociais e religiosos, com o objetivo de entender as causas desse sentimento caracterizado pela dor de existir, por uma permanente busca pelo sentido.

Nosso trabalho, alicerçado nas teorias da psicanálise freudiana, debruça-se sobre o discurso melancólico construído pelo eu lírico do poema “VIII”, da escritora Hilda Hilst, publicado em sua coletânea intitulada *Cantares de perda e predileção* (1983). Especificamente, procuramos elucidar a angústia sentida pela voz do poema em não conseguir reintegrar a imagem do objeto amado. Além disso, nos deteremos à uma característica do *corpus*, a fim de evidenciar o seu caráter neotrovadoresco, aspecto este que se refere à primeira fase da literatura portuguesa, a trovadoresca, que tem início em meados do século XII.

Desse modo, dividimos nossa discussão em três momentos: primeiro, dedicamo-nos a um breve percurso histórico referente à temática a ser analisada no poema escolhido, tendo como base as conclusões obtidas em épocas específicas acerca da melancolia. Em seguida, numa abordagem mais psicanalítica, apresentamos o entendimento de Sigmund Freud (1856-1939) acerca de tal fenômeno, cujo estudo tem como base a comparação entre o luto e a melancolia. Por fim, após detalharmos e explicarmos a teoria utilizada, recorreremos ao texto literário, com o objetivo de perceber como os dizeres do eu lírico refletem na teoria freudiana, e ao contexto histórico em que sua estética lírico-amorosa está inserida.

Pois, conforme concluiu Jean Bellemim-Nöel (1978), em sua obra *Psicanálise e Literatura*, acreditamos que a teoria psicanalítica é, dentre várias, uma peça essencial no processo de compreensão do texto literário, e entendemos que o processo se desenvolve com base na finalidade de “descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura” (BELLEMIM-NÖEL, 1978, p. 13).

1 CONTEXTUALIZANDO A MELANCOLIA

A partir dos estudos realizados pelo grego Hipócrates (460-370 a.C.), que evidenciava o saber científico em seus trabalhos, baseados em observações empíricas, constatamos que durante aquela época, o século V a.C., o equilíbrio entre a mente e o corpo tinha importância e destaque em muitas explicações e constatações. Os distúrbios mentais estavam diretamente relacionados aos quatro humores, o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra, e ao desequilíbrio entre eles, já que, eles correspondiam aos temperamentos humanos. Dessa forma, caso a bile negra apresentasse uma alteração quantitativa, o quadro melancólico estaria instalado no indivíduo, sendo considerado o mais patológico.

Para o médico, havia duas formas de manifestação daquilo que na época era caracterizado como uma doença, a melancolia endógena, que, sem razão aparente, o indivíduo se torna soturno e busca pela solidão, e a melancolia exógena, que se desenvolve a partir de um trauma externo. Em síntese, quando não somos mais capazes de encontrar sentido na vida e a morte torna-se uma aspiração, a melancolia é uma realidade em nosso organismo.

Contemporâneo a Hipócrates, Aristóteles (384-322 a.C.), teve grande influência na medicina durante muito tempo, contribuindo, inclusive, com ideias sobre a melancolia. O estagirita tece relações, em sua *Problemata 30*, entre a genialidade e a loucura, questionando-se o motivo pelo qual filósofos, poetas, políticos e artistas possuíam um pensamento melancólico. Ele entende que a melancolia teria sua origem a partir de uma predisposição natural do organismo, ou seja, o caráter patológico cede lugar à própria natureza do ser humano, seu *ethos*.

Assim, percebemos uma certa ambiguidade ao nos referimos ao termo melancolia, pois, de um lado temos “um humor natural e não necessariamente patogênico e, por outro lado, uma doença mental produzida por um excesso ou desequilíbrio dos humores” (PERES, 2003, p. 15).

Após as constatações reunidas durante o período da Grécia Antiga, nos séculos posteriores, tempo compreendido pelo surgimento da Idade Média, percebemos que ainda prevalecia a ideia dos quatro temperamentos diferentes, a teoria dos humores, que dividia os indivíduos em: melancólicos, relacionado à bile negra, coléricos, bílis amarela, sanguíneos, sangue e os fleumáticos, que apresentavam alteração quantitativa na água.

Como consequência de todos os acontecimentos históricos ocorridos durante o período conhecido como “Idade das Trevas”, principalmente na primeira metade, constata-se um gradativo esquecimento dos pensamentos relacionados à medicina e à ciência, desenvolvidos

pelos gregos. O conhecimento médico era confinado sob o domínio dos religiosos, únicos que eram letrados. Mas, os textos remanescentes, como por exemplo, os hipocráticos, permitiram o estabelecimento do vínculo entre a teoria dos humores e a astrologia. Assim, conclui-se que Saturno é o astro que deposita sobre o melancólico sua força mais fatídica, que o governa, referenciando o espírito e o pensamento. A visão renascentista mantém a significação para essa dualidade.

Ainda no mesmo período, constatamos o aparecimento de um novo termo que estava relacionado a uma profunda melancolia: acédia ou acídia. Essa designação era conferida a maus espíritos, sendo vinculada aos indivíduos que viviam solitários, principalmente os monges, que eram contrários aos serviços internos dos mosteiros.

Em 1621, o médico Robert Burton publica um panorama sobre a melancolia, projeto este que é considerado sua obra máxima, *A anatomia da melancolia*. O autor apresenta a história antiga da melancolia, com referência a Homero, Virgílio, Santo Agostinho, à Bíblia Sagrada e Shakespeare. Posteriormente, em 1623, Jacques Ferrand, médico francês, postula que a melancolia estaria relacionada às paixões.

Phillipe Pinel foi o responsável por, em fins do século XVII, período em que as perturbações mentais passaram a constituir um ramo da medicina, e baseando-se na observação clínica, agrupar sintomas em síndromes. Assim, a melancolia é então apontada como um comportamento que é dirigido sobre um objeto, acompanhado de um abatimento. Em 1819, Esquirol, discípulo de Pinel, define esse estado em que um indivíduo pode desenvolver, como uma monomania, que seria uma “tristeza, abatimento, ou desgosto de viver que se fazem acompanhar muito frequentemente de um delírio sobre uma ideia fixa” (PERES, 2003, p. 18).

Durante o século XIX, tal fenômeno passa a ocupar a categoria de doença mental, sendo direcionada a área da psicose e da neurose. Com isso, a teoria dos humores e a designação de melancolia perdem seu espaço, e a expressão “monomania triste” ou “lipemania”, ganha terreno com a influência de Jean-Étienne Esquirol (1772-1840). A partir da completa descrição do quadro clínico da psicose maníaco-depressiva, desenvolvida por Emil Kraepelin, a psiquiatria alcança destaque ao perceber uma alternância de acessos maníacos e acessos depressivos, que em situações mais leves, podem apresentar uma inibição psíquica e uma baixa de humor:

O fim desse século e o início do seguinte é marcado por uma nova maneira de pensar a doença mental, baseando-se em leituras psicanalíticas e da psiquiatria biológica. Sigmund Freud, que abre o campo da psicanálise, colabora de maneira bastante significativa e

expressiva ao comparar a melancolia ao afeto normal do luto. Tendo como base seus postulados, ela passa a ser estudada como uma categoria psíquica, que tem como causa, a perda do objeto amado.

2 UMA ABORDAGEM FREUDIANA

A contribuição trazida pela psicanálise introduz uma nova forma de pensar o sofrimento psíquico. Sigmund Freud, a partir de seus estudos do inconsciente, central em sua teoria, possibilita a valorização da subjetividade de cada indivíduo, enfatizando a importância de seu discurso, da sua linguagem, da palavra, para a compreensão do sofrimento.

Pertencente ao campo das psicoses, mais especificamente à categoria das neuroses narcísicas, a melancolia é introduzida, de forma mais detalhada, na obra do psicanalista paralelamente ao afeto do luto, o que permite o entendimento da constituição do eu. Porém, ainda em 1895, com a publicação do “Manuscrito G”, Freud nos apresenta as primeiras postulações acerca da melancolia, e inicia seu estudo a partir do estabelecimento de uma relação com a neurose de angústia e a neurastenia, que são provocadas devido a uma vida sexual insatisfatória. Contudo, alguns conceitos apresentados nesse trabalho foram reformulados em registros posteriores, assim, a leitura feita dos seus primeiros textos sofre atuação da evolução posterior desse campo de saber, a psicanálise.

Ao refletimos sobre a melancolia, somos rapidamente remetidos a uma insuficiência constitutiva, a um sentimento de vazio, consequências de uma má estruturação do eu. Seguindo essa perspectiva, em 1915, é publicado “Luto e Melancolia”, momento em que Freud assinala a relação entre essas duas características psíquicas, já que, em ambas, veremos o anseio por algum objeto perdido. De acordo com o psicanalista, nesses dois estados, há a coincidência de que as causas são provenientes de interferências da vida, ou seja, temos como questão central, a perda.

O luto é desencadeado a partir de uma perda real, seja a morte de uma pessoa amada ou de uma abstração que preencha esse lugar, é algo que ocorre conscientemente e não é considerado como um estado patológico. São comportamentos que exibem traços em comum, mas durante o processo de luto, o indivíduo não tem sua autoestima afetada.

Na melancolia, o interesse pela vida, pelo mundo exterior, se finda. O melancólico “sabe *quem*, mas não *o que* perdeu nesse alguém. Isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em

que nada é inconsciente na perda” (FREUD, 2010, p. 175). A perda desconhecida irá absorver o próprio eu, o que acarretará na inibição; o que para Freud é algo enigmático, visto que, não é possível aferir o que absorve o doente. Há ainda o rebaixamento da autoestima, autorrecriminação, delírio de inferioridade que causam o seu empobrecimento. Assim, inferimos que no luto, o mundo se torna pobre e vazio, enquanto que na melancolia, é o próprio eu.

A partir do rompimento da relação entre o indivíduo e o objeto, o que demonstra que esse investimento objetal era pouco resistente, a libido, ao invés de ser deslocada para outro objeto, volta-se para o eu. Assim, a identificação é estabelecida, entre o eu e o objeto perdido. Freud conclui que.

[...] a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação. (FREUD, 2010, p. 181).

A partir dessa constatação, percebemos que a escolha do objeto por parte do melancólico é de caráter narcísico. A teoria do narcisismo irá ser desenvolvida em estudos posteriores. Dessa forma, é possível concluir que “a melancolia toma uma parte de suas características do luto e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísica para o narcisismo” (FREUD, 2010, p. 183). Ela se assemelha ao luto, diante da perda real de um objeto amoroso, mas, além disso, transforma-o em patológico, ou seja, ela tem algo a mais no conteúdo que o luto normal.

3 A MELANCOLIA NA LÍRICA NEOTROVADORESCA

Para que possamos entender a relação que será estabelecida entre esse campo de saber que descrevemos anteriormente e a poesia de Hilda Hilst, faz-se necessário uma breve contextualização acerca do período que antecede uma das principais características encontradas na obra da escritora. Perspectiva essa que irá dialogar com a nossa análise, a fim de que se tenha uma melhor compreensão do contexto em que sua produção poética está relacionada.

O trovadorismo, primeira fase da literatura portuguesa, tem início por volta do século XII. Esse período histórico ficou conhecido como Baixa Idade Média e é caracterizado pela

grande produção artística, que envolve as cantigas trovadorescas, os textos historiográficos e as prosas de ficção. Eram os fidalgos trovadores os responsáveis pelo ofício de produzir as trovas, que eram composições populares, de versos curtos, denominados redondilhas. Os gêneros dessas produções eram as cantigas de amigo, cantigas de amor, além das cantigas de escárnio e maldizer, cuja diferenciação se baseia nas temáticas, gênero do eu-lírico e sua ambientação.

Essa literatura nacional teve sua origem a partir da oralidade, visto que, naquela época ainda não havia a circulação de uma produção escrita. Ao serem produzidas, deveriam ser cantadas ou dançadas, ou seja, a poesia trovadoresca era de caráter coletivo. Além disso, é interessante destacar outro elemento importante nessa manifestação cultural: a performance, pois, durante essas apresentações, era comum o uso de instrumentos musicais para acompanhar o trovador. Naquela época, a associação entre música e poesia esteve sempre presente.

As cantigas de amigo possuem algumas características relevantes que merecem destaque, principalmente para que nosso trabalho tenha uma melhor compreensão e desenvolvimento. Esse gênero reflete a vida campesina e urbana, longe da corte, tem como protagonista a voz feminina e o tema principal está relacionado ao amigo, que, seria o namorado ou amante; por isso, que em muitas das líricas trovadorescas podemos encontrar monólogos de uma mulher apaixonada, que demonstram os sentimentos de saudade e lamento advindos da partida do amado, da sua ausência.

Dessa forma, é nítido que essas cantigas representam as situações amorosas vividas pelas mulheres daquela época, carregadas de confidências, possíveis abandonos, juras, enfim, situações de suas vidas sentimentais.

A partir dessa breve contextualização histórica acerca desse processo de construção da literatura portuguesa, é relevante destacar que nas últimas décadas, houve uma retomada desse estilo tão próprio desse período. O neotrovadorismo, termo citado pela primeira vez em 1933, surge como uma possibilidade de diálogo entre uma tradição antiga tão consolidada e a liberdade de escrita e novas representações e (re)leituras que a literatura permite.

Alguns autores optaram por se inspirar e recriar a estética das cantigas trovadorescas em muitas de seus escritos. Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Hilda Hilst são alguns dos nomes que se destacam nesse processo. Em algumas produções dessa última, podemos encontrar algumas referências a esse movimento literário, mais especificamente à temática da mulher diante de seu lamento amoroso. “Cantares de perda e predileção”, publicado em 1983, e “Cantares do sem nome e de partidas”, de 1995, que posteriormente, em 2002, foram

reunidos em um único volume, intitulado “Cantares”, trazem poemas que nos permitem estabelecer uma proximidade com as cantigas medievais.

Vale ressaltar que antes da publicação das obras anteriormente citadas, é possível perceber que Hilst já havia feito essa retomada às cantigas de amigo. Em “Trovas de muito amor para um amado senhor”, publicada em 1961, destacamos o poema “XIII”, que canta um diálogo entre uma moça e um rapaz a respeito das vaidades dela. Além disso, o uso de certos elementos, comprovam essa constatação, como por exemplo, as palavras: flores, rendas, cetins e boca rosada, que são comumente encontradas nas líricas trovadorescas da Idade Média.

No primeiro livro, a epígrafe são duas passagens escritas por Sórora Juana Inés de la Cruz, freira mexicana, nascida no século XVII, que se dedicou à poesia barroca. Tais trechos fazem referência a um amor que não foi correspondido e nem houve doação na mesma intensidade, um cantar de um amor antigo, mas que ainda traz lembranças. É nítido, portanto, que Hilda Hilst tinha conhecimento da lírica trovadoresca e a toma como base durante a produção de seus textos, voltados para a estética neotrovadoresca.

Com base nas referências explicitadas, optamos por selecionar um dos poemas publicados em seu segundo livro, “Cantares de perda e predileção”. A partida do amado e a esperança do seu breve retorno, tema recorrente nas cantigas de amigo, é a premissa básica para adentrarmos no discurso melancólico do eu-lírico do poema “VIII”.

Seguindo as coordenadas da imprecisão, do ilusório, do onírico, a voz do texto narra a angústia de não conseguir reintegrar a imagem do objeto amado. Devido a partida do amigo, a fragmentação e o estilhaçamento do eu-lírico são inevitáveis, o que demonstra a sensação de vazio e empobrecimento do eu, características psíquicas desenvolvidas a partir de uma perda inconsciente, de alguém que sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu, traços recorrentes na melancolia.

Percebemos que o eu-lírico ocupa uma posição de entre-lugar, não sabe se quer o amado perto ou longe de si, o que ocasiona um sofrimento nas duas instâncias. Mas, no final, decide esperar por ele. Tal constatação nos remete ao fato de que, quando o sujeito de se encontra em estado melancólico, tal sintoma permite que essa distância física ocasione o gozo pela ausência. O fato de não saber o que se perdeu, na verdade remete a uma perda de si, ou seja, a lacuna deixada pelo objeto amado diz de uma falta própria do melancólico. Em alguns versos, é possível perceber essa caracterização: “Eu nunca mais sentiria/ Teu nome de hostilidade” e “Meu nome é que ficaria/ Amor na tua eternidade” (HILST, 2017, p. 359).

Em “A dor de amar”, o psicanalista argentino J.-D. Nasio, discorre acerca dessas dinâmicas referentes aos afetos próprios da melancolia, ao afirmar que ao se encontrar diante de tal situação, “[...] o eu fica inteiramente ocupado em manter viva a imagem mental do desaparecido. Como se ele obstinasse em querer compensar a ausência real do outro perdido magnificando sua imagem” (NASIO, 2007, s/p.).

Dando continuidade a leitura do poema, verificamos que o eu-lírico canta a dissolução de suas ações e de si mesmo, o que, em termos psicanalíticos, reverbera a condição de precariedade subjetiva do melancólico, que se sustenta em seu fazer poético, tal como: “Me vinha:/ Se desfizesse/ O que já trançado tinha” (HILST, 2017, p. 359).

Nas últimas estrofes, há um jogo retórico entre os termos “sóis” e “vinhas”, que, no contexto, ganham os sentidos de solidude e retornos, e ao mesmo tempo, traduzem o outro lado de clareza e luxúria: “Então teci/ Sóis e vinhas:/ Ouro-escarlate-paixão” e “E consumida de linhas/ Enovelada de ardência/ Te aguardo às portas da minha cidade.” (HILST, 2017, p. 359). E, finalmente, o sujeito entrega-se ao gozo mortífero do desejo.

O poema remonta a uma outra tradição, ainda mais antiga, a do herói grego Ulisses. A ideia de tecer a fim de lembrar o amor e sua compaixão e caridade, nos leva à astúcia de Penélope ao enganar seus pretendentes e decidir esperar pelo marido. Uma espera consumida e envolvida por sentimentos puros e desejo, uma voz que está enovelada de ardência e esperança pelo retorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, as particularidades que recobrem a origem e as causas da melancolia, foram de grande interesse para as áreas da medicina, mais especificamente, à psicanálise. Dessa forma, ela deixa de ser analisada com base na teoria nos humores e passa a ser interpretada como uma categoria psíquica, como algo paralelo ao afeto do luto, permitindo, assim, o entendimento da constituição do eu e uma compreensão de seus sofrimentos.

Partindo dessa premissa, nos propusemos a adentrar e explicar a teoria freudiana acerca da melancolia, de modo a compreender suas constatações para uma posterior relação com o texto literário. Em “Luto e Melancolia” (1915), percebemos que o melancólico perde total interesse pelo mundo exterior, pela vida, a partir da perda inconsciente do objeto amado.

Antes de explicarmos nosso entendimento e estabelecermos relações no *corpus* escolhido, optamos por situar historicamente as características estéticas tão evidentes nele, de tal modo que retornamos à Idade Média e à literatura produzida durante aqueles séculos, o Trovadorismo. Para isso, destacamos as principais características que envolvem essa manifestação cultural. Prosseguimos a discussão evidenciando que, posteriormente, surge o neotrovadorismo, cujo objetivo se volta para retomar e renovar a produção e tradição desenvolvida pelos trovadores, como por exemplo, as cantigas de amigo, de amor, de escárnio e maldizer.

Finalmente, após a contextualização, apresentamos o poema selecionado, o “VIII”, da escritora brasileira Hilda Hilst, que, como pudemos perceber dedicou parte de seus escritos para estabelecer esse diálogo entre o antigo e o inovador. Assim, a fim de tecer relações entre a literatura e a psicanálise, analisamos o discurso melancólico cantado pelo eu-lírico, a voz feminina que lamenta a ausência do amado e espera pelo seu retorno, com sentimentos e desejos que colaboram na construção do poema.

REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CORDÁS, Táki Athanássios; EMILIO, Matheus Schumaker. *História da melancolia*. Porto Alegre: Artmed, 2017.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios sobre a metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LEITE, Jonathan Lucas Moreira. *Um canto de amor e saudade: o neotrovadorismo na poesia de Vinícius de Moraes*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

LIMA, Luiz Costa. *Melancolia: literatura*. São Paulo: Unesp, 2017.

NASIO, Juan-David. *A dor de amar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

OLIVEIRA, Verônica Barbosa de. *Tradição e recriação trovadorescas em Amanhecência de Stella Leonardos*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PERES, Urania Tourinho. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RIBEIRO, Renata Rocha; CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. Canto compassado: os cantares de amigo e os cantares de Hilda Hilst. *Revista Eletrônica Via Litterae*, Anápolis, v. 2, n. 1, p. 249-264, jan./jun. 2010.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.